

Riqueza e desigualdade na Zona Oeste

Rio de Janeiro



QUAL O DESTINO DA RIQUEZA DA ZONA OESTE?

A festa do “Tira Caqui”, em Vargem Grande, os quilombos Cafundá Astrogilda e Camorim, o conhecimento ancestral de centenas de comunidades marisqueiras, pescadoras, agricultoras. Essas são algumas das muitas riquezas da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Sem contar mangues, campos alagados, ilhas, praias selvagens e a maior floresta urbana do mundo: o Parque Estadual da Pedra Branca,

Tudo isso existe, vive e pulsa nesse grande pedaço de chão. Então é curioso. Um condomínio de classe média/alta ou uma indústria poluidora chegam a Jacarepaguá, Santa Cruz, Vargem Grande do dia para a noite... e podem expulsar antigas e antigos moradores/es? Por que eles podem ser vizinhos tão intolerantes? Por que não há impedimentos a isso?

A Zona Oeste é o lugar no Rio onde tem menos gente por quilômetro quadrado, porque ainda resistem áreas florestais onde povos buscam manter modos tradicionais de vida. Mas isso está em risco porque é justamente para lá que o capital quer avançar.

A Zona Oeste precisa de negócios bilionários que enriquecem alguns e empobrecem a maior parte das pessoas?

Quando é que toda a riqueza da região vai significar uma vida digna para a maioria?

A prefeitura do Rio vende a cidade para grandes empresas. A desculpa é sempre o pagamento da dívida pública com os bancos. Mas o fim ou a redução das isenções fiscais para indústrias e grandes empresas não pagariam essa dívida?

Essa montanha de dinheiro foi pedido emprestado para sustentar os negócios bilionários que fazem do Rio uma grande contradição. Uma cidade de tantas belezas, com um povo alegre e batalhador, mas tão desigual e injusta.



DESIGUALDADES NA ZONA OESTE: QUEM TEM DIREITO À QUALIDADE DE VIDA?

A Barra da Tijuca é onde moram as pessoas mais ricas da Zona Oeste. Muito perto da riqueza, comunidades como Arroio Pavuna sofrem com problemas básicos, como falta de abastecimento de água. Espremida entre muitos prédios, a Vila Autódromo enfrentou as remoções forçadas com muita garra e organização popular.

Lugares como o Arroio e a Vila Autódromo são a prova viva de que a expansão dos grandes negócios nas cidades não abraça as pessoas ao redor. Pelo contrário, ela as expulsa e submete populações inteiras

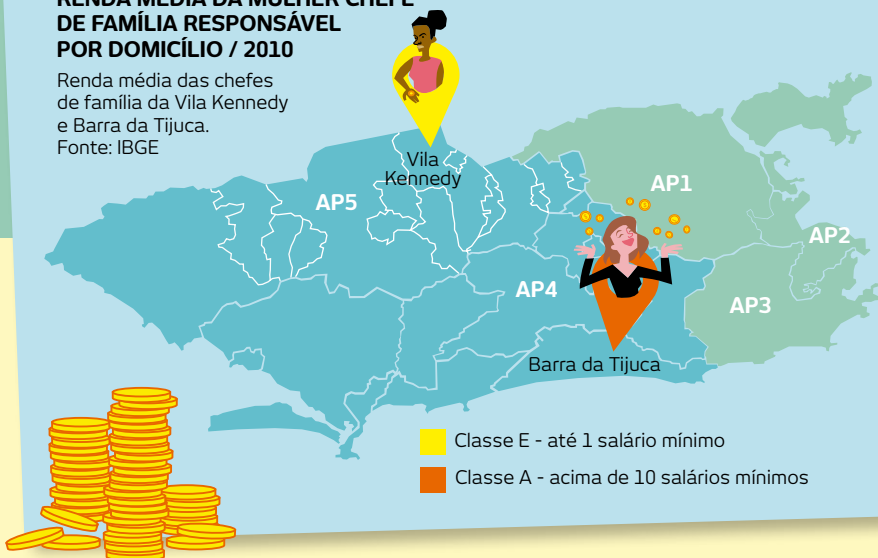
a viver na sombra dos ricos, que excluem e exploram.

Há décadas, a ocupação da Barra da Tijuca por condomínios residenciais das classes A e B, centros comerciais e prédios empresariais tem se intensificado. Muitas regiões de grande riqueza ambiental e cultural foram sacrificadas nesse processo. O Índice de Desenvolvimento Social¹ da Barra é o maior da ZO, junto com o de Campo dos Afonsos, em Realengo, onde fica uma base da Força Aérea Brasileira.

¹ O Índice de Desenvolvimento Social foi criado pelo Instituto Pereira Passos em cima de um parâmetro internacional de medição de qualidade de vida.

RENDA MÉDIA DA MULHER CHEFE DE FAMÍLIA RESPONSÁVEL POR DOMICÍLIO / 2010

Renda média das chefes de família da Vila Kennedy e Barra da Tijuca.
Fonte: IBGE



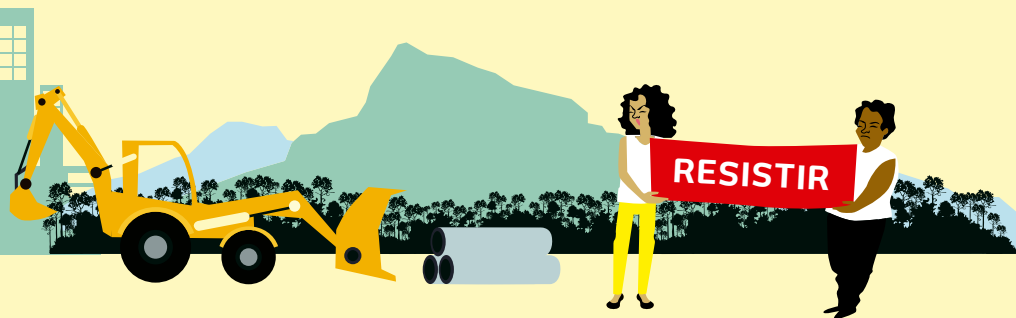
Na Barra da Tijuca, em laranja, a renda média dos lares chefiados por mulheres chega a 10 salários mínimos. Perto dali, na Vila Kennedy e no Rio das Pedras, os ganhos não passam de 2 salários mínimos, em média. Em algumas regiões, não alcançam sequer um salário mínimo.

O mapa mostra a média da renda das famílias chefiadas por mulheres em duas localidades da Zona Oeste.

Por outro lado, a Vila Kennedy fica dentro de Bangu. É um conjunto habitacional que começou com a chegada de pessoas que foram expulsas pelo Estado de lugares como o Morro do Pasmado, em

Botafogo, e a praia do Pinto, na Lagoa.

Assim como em Arroio Pavuna, na Vila Kennedy falta água. Além disso, a vida da população é ameaçada diariamente pelas disputas territoriais entre o tráfico e a Polícia Militar, que resultam no genocídio da população negra local, como acontece em outras regiões da cidade.



A HISTÓRIA SE REPETE: A VASTA RIQUEZA NATURAL DAS VARGENS E O OLHO GORDO DAS GRANDES FORTUNAS

O Maciço da Pedra Branca abriga a maior floresta urbana do mundo. As vidas guardiãs dessa riqueza são pessoas de baixa renda, com costumes cotidianos mantidos de geração em geração. Cultivam banana, caqui, plantas alimentícias não convencionais, ervas medicinais. Criam galinhas, coelhos, jumentos. São carpinteiros, quituteiras, parteiras, agricultores, agricultoras, artesãos e artesãs.

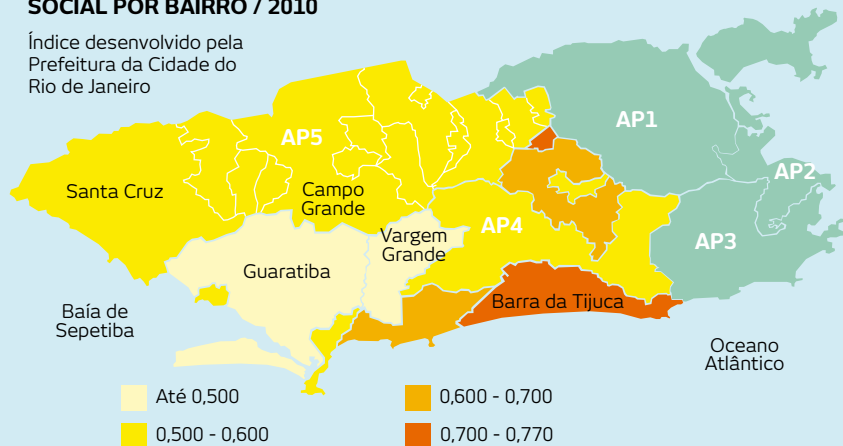
Boa parte dessas serras e dessas pessoas moram dentro dos bairros de Vargem Grande e Vargem Pequena. Não é à toa que desde 2015 a Prefeitura aposta em uma parceria público-privada para

elaborar um plano de urbanização das Vargens, assim como das regiões do Camorim, parte do Recreio, da Barra e de Jacarepaguá.

- O plano vai entregar à especulação uma região onde vivem comunidades tradicionais. O processo está um pouco parado graças ao envolvimento das principais parceiras do município com a Lava Jato. Odebrecht e Queiroz Galvão foram as empresas a apresentar as primeiras propostas.
- Em resposta, a população local se organizou e deu um passo importante: começou a discutir e construir o planejamento urbano do

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL POR BAIRRO / 2010

Índice desenvolvido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



território de dentro para fora. Um plano para as Vargens feito por quem vive nelas, não quem pensa nelas como uma simples fonte de lucros extraordinários.

Mas o embate entre essas duas maneiras de ver o território está longe de ser justo. A riqueza das Vargens não é graças ao Estado. A presença de serviços públicos e a garantia de direitos básicos na região deixa muito a desejar. Vargem Grande tem o menor Índice de Desenvolvimento Social de toda a Zona Oeste. Para as estatísticas oficiais isso significa: altas taxas de analfabetismo, baixo acesso a coleta de lixo, saneamento

e esgoto adequados, casas com estruturas precárias e baixa renda.

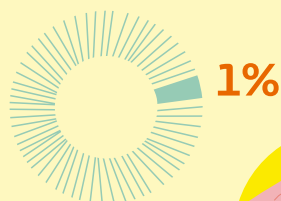
No dia a dia, isso é mais sentido na falta de suporte estatal para atividades econômicas que existem e resistem naquele território há anos, como a agricultura familiar e a pesca.

A prefeitura viaja quilômetros a procura de investidores bilionários, mas desconsidera as pulsões econômicas locais em nome de um desenvolvimento importado, que não é comprometido com o povo, nem com a terra.



QUASE METADE DA POPULAÇÃO DO RIO DE JANEIRO VIVE NA ZONA OESTE, MAS

1% dos empregos formais do município estão na ZO.



Dos seis primeiros bairros mais bem posicionados no Índice de Desenvolvimento Social, apenas um deles está localizado na ZO: a Barra da Tijuca.



Dos seis bairros pior posicionados no Índice de Desenvolvimento Social, apenas um deles está localizado fora da ZO: Manginhos.



Mais de dois terços dos equipamentos culturais da cidade ficam na Zona Sul e no Centro.



Dezembro de 2017

Realização



Apoio



www.pacs.org
Facebook: @PACSInstituto
pacs@pacs.org.br